

**FACULDADE FRASSINETE DO RECIFE - FAFIRE  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CULTURA PERNAMBUCANA**

**LEONIDAS HENRIQUE DE OLIVEIRA**

**CIRANDA PERNAMBUCANA UMA  
DANÇA E MÚSICA POPULAR**

**Recife 2007**

**LEONIDAS HENRIQUE DE OLIVEIRA**

**CIRANDA PERNAMBUCANA UMA  
DANÇA E MÚSICA POPULAR**

Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização em Cultura  
Pernambucana, como requisito para  
conclusão do curso.

Orientada pela Prof<sup>ª</sup> Helena Maria  
Tenderini.

**Recife, 2007**

*A Deus primeiramente por ter estado comigo em todos os momentos da minha vida, me dando graça e sabedoria para realizar este trabalho.*

*A minha família por compreender minhas ausências nos encontros familiares, e sempre acreditou em mim.*

*A todos amigos que me ajudaram e incentivaram para que este projeto fosse concluído.*

## AGRADECIMENTOS

Aos professores do Curso de Especialização em Cultura Pernambucana, pela responsabilidade em ministrar as aulas.

As colegas de equipe Gabriela, Simone, Ana, Zenilda e Ibrantina pela contribuição nas discussões em grupo, orientações nos diversos trabalhos que fizemos juntas e pela troca de experiências.

Aos meus irmãos Nelson, Lenilza e Nailde pelo estímulo ao meu crescimento profissional.

Aos meus filhos Robson e Anderson que me incentivaram a continuar meus estudos.

A João que me ajudou na organização deste trabalho.

A minha querida mãe que foi um exemplo de mulher.

Agradeço a Deus pela oportunidade de conhecer pessoas competentes, criativas e maravilhosas que me ajudaram a desempenhar tal tarefa. Espero contribuir de alguma forma, para a construção de uma sociedade mais humanizada.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
1 CIRANDA .....	9
1.1 A música da ciranda e sua efervescência .....	11
1.2 Na ciranda todos são iguais .....	12
1.3 Músicas: fragmentos e diversidade .....	14
1.4 Ciranda: dança e música popular .....	16
1.5 Ciranda: representando a Ilha de Itamaracá .....	17
2. LIA, MULHER GUERREIRA .....	18
2.1 Lia de Itamaracá – cirandeira .....	19
3 ANTONIO BARACHO – POETA E MESTRE CIRANDEIRO .....	23
4 DONA DUDA : PRIMEIRA CIRANDEIRA DE PERNAMBUCO .....	27
5 PATRIMÔNIO VIVO DE PERNAMBUCO .....	32
6 CONCLUSÃO .....	34
7 REFERÊNCIAS .....	36

## INTRODUÇÃO

O homem desde o começo se reunia em círculos ao redor da fogueira para comemorar suas caçadas, conquistas e realizar rituais, portanto a dança e o canto fazem parte da história da humanidade.

A prática de danças circulares é importante por simbolizar a união, dançar juntos, pegar nas mãos, sentir a aproximação do outro trazendo a alegria de dançar e cantar no mesmo ritmo e movimento onde não tem primeiro nem último todos são iguais.

Na ciranda, no coco de roda as pessoas ficam em contato umas com as outras repetindo o passo num constante ir e voltar com movimentos dando o sentido de grupo, o lúdico da ciranda é um resgate da infância que permanece dentro de nós.

A dinâmica cultural em terras pernambucanas tem vasto panorama de produção nas áreas das artes plásticas, arquitetura, arte popular e música dividida na assim chamada erudita e popular.

Possuímos uma variedade enorme de sons e ritmos, onde podemos destacar os estilos diferenciados do frevo, como frevo canção, frevo de bloco e frevo de rua, maracatu de baque solto e maracatu de baque virado, forró, baião, coco de roda, coco de embolada, repentistas, ciranda e tantos outros ritmos que caracterizam a diversidade cultural e musical de Pernambuco, que a cada dia vem se destacando no cenário nacional e internacional.

Em Pernambuco temos a oportunidade de apreciar e conhecer toda poética musical presente nos diversos sons e ritmos, com eventos importantes que fazem parte do calendário dos ciclos festivos do estado, levando música, dança, teatro e apresentações da nossa cultura para os bairros e comunidades. Valorizando nossa diversidade cultural e dando as pessoas oportunidade de apreciar, participar e conhecer de perto nossos artistas e as manifestações culturais que representam.

Os folguedos populares, que adornam a nossa história de vida, são de natureza dançante, de forma mais interativa, damos às mãos em rodas de ciranda onde ela estiver, seja nas ruas, nos clubes ou na beira da praia, onde tem seu berço e seu melhor desempenho.

A música da ciranda é um misto de versos e rimas encadeados pela percussão e instrumentos de sopro. Ninguém fica imune ao ritmo e balanço contagiante da ciranda.

Ciranda é uma dança de roda de mãos dadas, o vai e vem no balanço do bombo e do zabumba, todos iguais democraticamente entram e saem da roda quando querem.

Entram sem pedir licença e saem sem pedir permissão. Ciranda de roda de adultos no Nordeste é diferente da ciranda cirandinha da infância que é cantada no Brasil inteiro.

O que caracteriza a ciranda de adulto é a presença de instrumentos de percussão, de sopro e a participação de um mestre de ciranda que tira as toadas que deve ser atualizada e com temas variados como a natureza, o amor, a política e o cotidiano em geral.

Os passos parecem ondas, o vai e vem do balanço do mar.

A ciranda é uma dança de origem portuguesa que chegando aqui se juntou com a influência negra e indígena, absorvendo características de cada grupo étnico presente, formando-se assim a ciranda de roda de adultos do nordeste brasileiro.



## 1 CIRANDA

“Para dançar Ciranda juntamos  
mão com mão formando  
uma roda cantando uma canção”.

Etimologicamente, há várias interpretações para a origem da palavra ciranda, mas segundo o Padre Jaime Diniz, um dos pioneiros a estudar o assunto, vem do vocábulo espanhol zaranda, que é um instrumento de peneirar farinha daquele país e que teria evoluído da palavra árabe çarand, como afirma Caldas Aulete no seu dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa.

Entretanto Leite de Vasconcelos associou a palavra ao fato de as mulheres trabalharem juntas em “serões”, e por esta razão grafou-a seranda, e não ciranda.

O século XIX foi o momento da invenção das nações e dos Estados contemporâneos e também das tradições que passaram a significar os povos que se reconheciam. Neste momento o Brasil se definia como Estado, e seu povo criaram tradições que o tornaram reconhecíveis a si mesmo e às demais nações.

Foi se reconhecendo nas múltiplas tradições e manifestações culturais que o compõem, tradições trazidas pelos portugueses que se encontraram e fecundaram com as tradições dos índios e com as tradições dos povos africanos.

Em Pernambuco, região da mais antiga ocupação européia foi o local do surgimento de muitas tradições, na dança, na música, no teatro popular, na poesia de cordel, na literatura poética e prosaica, na pintura, na escultura etc.

O povo pernambucano, em sua maioria, é culturalmente formado desde a infância por elementos rítmicos e pela própria dança. Isso acontece de forma natural e espontânea que nem ele mesmo se dá conta disso.

As festas populares que comemoram nossa história de vida são de natureza dançante em todos os ciclos de festejos (carnavalesco, junino e natalino), recebemos estímulos musicais dos mais diversos.

Mas não é só o frevo ou o maracatu que nos estimula para a dança, mas também o Caboclinho, o Bumba-meu-boi, o Cavalo-Marinho e tantos outros.

De maneira mais interativa, o povo desta terra, desde sempre, dá-se às mãos ou os braços formando uma roda e, girando e ondulando ao sabor das músicas “puxadas” pelo Mestre de Ciranda – figura central do folguedo – os cirandeiros e cirandeiros balançam o corpo e movimentam os pés de maneira peculiar para dançar ciranda esteja ela onde estiver: nas ruas, nos clubes ou na beira da praia onde tem sua melhor penetração.

O “dono da ciranda”, geralmente um comerciante, promove a apresentação do grupo em frente ao seu estabelecimento, aproveitando para arrecadar dinheiro para pagamento do Mestre, com a venda de comes e bebes ao público.

É comum também a execução da ciranda à beira da praia, com a cadência do passo dos cirandeiros, de pés descalços, se harmonizando com o balanço das ondas do mar.

## 1.1 A música da ciranda e sua efervescência

Qualquer som pode tornar-se música desde que organizado em ritmos, melodias, harmonias e expressos por instrumentos, vozes e objetos.

A presença de outros povos, além dos portugueses, na colonização brasileira contribuiu para uma enorme pluralidade de culturas e costumes.

Por conta disto, cada Estado brasileiro possui uma riqueza cultural própria, diferenciada e única dotando nosso país de uma beleza especial.

O papel de preservar e valorizar a cultura, a arte, os artistas e brincantes não é dever apenas do Estado, mas de todos e o papel de cada um de nós é importante.

Somente conhecendo e defendendo nossos próprios valores, poderemos ser respeitados.

As danças, os costumes e os divertimentos de um povo, seus folguedos são preservados naturalmente pela própria comunidade e seus artistas, graças a sua capacidade de resistência, exercida à custa e dificuldades e sacrifícios quase milagrosos.

A cultura popular sobrevive à custa do esforço, amor e dedicação de seus brincantes e muitos se destacam pela luta incessante em prol de condições mais dignas para divulgar sua arte, na ciranda podemos citar Lia de Itamaracá, Duda do Janga e Mestre Baracho entre outros.

Decorrente dessa organização, cada povo produz sua música com várias linguagens, significados e funções, despertando no ouvinte reações diversas dependendo de suas referências culturais.

Assim é com Pernambuco que tem a música de tradição oral, com sons exportados e importados.

A influência dos indígenas, africanos e europeus provocou no Nordeste uma identidade cultural ímpar revelada na variedade de ritmos, de manifestações artísticas que retratam a face de um povo que deixa aflorar no cotidiano a alegria.

A ciranda é um gênero de dança popular típica das praias, mais precisamente daquelas situadas ao norte de Pernambuco. Porém não se restringe ao litoral, as Cirandas de adultos estão muito espalhadas e com uma tendência de expansão bastante acentuada.

São dançadas semanalmente – e praticamente todo o ano - em Nazaré da Mata, Goiana, Paulista, Cruz de Rebouças, Abreu e Lima, Paudalho e Timbaúba etc.

Nos primórdios, os ambientes de apresentação eram locais como beiras de praia, terreiros de bodega, ponta de rua etc. Seus participantes eram trabalhadores rurais, pescadores, operários de construção, biscateiros entre outros.

## **1.2 Na ciranda todos são iguais**

Como o coco, a ciranda é bastante democrática e comunitária, não tendo nenhum preconceito quanto ao sexo, cor, idade, condição social ou econômica dos participantes.

Não existe limite numérico para esta brincadeira. Geralmente começa com uma pequena roda de poucas pessoas, que vai aumentando à medida que outros chegam para dançar.

Estes “atrasados” abrem o círculo soltando as mãos dadas dos primeiros integrantes inserem as suas e entram sem a menor cerimônia. A saída do participante por cansaço ou por qualquer outro motivo ocorre da mesma forma, sem maiores satisfações.

Se a roda atinge um tamanho que dificulte a movimentação, se forma uma menor no seu interior. O objetivo é a participação e alegria de todos.

Os integrantes das cirandas são denominados de cirandeiros e cirandeiros. Tradicionalmente compõem o folgado o mestre, o contramestre e os músicos.

Cabe ao mestre a responsabilidade de iniciar e comandar a animação, de tirar os cantos de tocar o ganzá e manter a ordem quando necessária. É o integrante mais importante e muitas vezes seu nome serve de identificação da ciranda, como a ciranda de Baracho, de Lia, de Dona Duda.

O contramestre pode tocar tanto o bombo quanto o caixa. Ele substitui o mestre quando este está ausente.

O ganzá, o bombo e o caixa formam o instrumental básico de uma ciranda tradicional. Às vezes, encontram-se ainda a cuíca, o pandeiro, a sanfona, ou algum instrumento de sopro.

As músicas cantadas pelo mestre podem ser aquelas já decoradas, improvisações, ou até canções comerciais de domínio público em ritmo de ciranda.

Os passos da ciranda variam com a própria dinâmica da manifestação, da música não sendo, portanto definitivos. Pode-se, porém destacar os três mais conhecidos dos cirandeiros: a onda, o sacudidinho e o machucadinho.

A brincadeira não possui figurino próprio e pode ocorrer em qualquer época do ano não existindo data certa para sua realização.

### 1.3 Músicas: fragmentos e diversidade

“Eu tava  
 Na beira da praia  
 Ouvindo as pancadas  
 Das águas do mar  
 Esta ciranda  
 Quem me deu foi Lia  
 Que mora na ilha  
 De Itamaracá” ( Antonio Baracho)

Esta música e letra nasceram, segundo o escritor José Lopes de Albuquerque, nas alvas areias da praia de Itamaracá.

“Estavam no ano de 1961. Lia mulata alta e esguia de seus dezessete anos, fez amizade com Dona Terezinha Calazans – a Teca – que veraneava numa casa próxima àquela onde ela trabalhava como doméstica. Teca na qualidade de pesquisadora do folclore brasileiro, com interesse especial na musicalidade popular, gostava de passear pela ilha, levando seu violão e, por vezes, a nova amiga Lia. Um belo dia – na verdade, uma bela tarde, Teca feria o violão desligada do mundo, a beira da praia. Ao seu lado a escurinha Lia cutucava a areia com um graveto. Num gesto de abandono, começou a solfejar a música da famosa Ciranda, sem dar conta do espanto de Teca, que voltava a si num sobressalto.

Essa música é muito bacana e eu vou botar letra nisso. Será uma ciranda em sua homenagem, e em menos de dois dias estava pronta a Ciranda de Lia, com letra de Teca Calazans e pesquisa musical de Maria Madalena Correia do Nascimento”.

A Ciranda de Lia durante muitos anos foi tida como de autoria de Teca Calazans inclusive pela própria Lia. Mas Teca, que reside na França há anos, nega que tenha algo a ver com a feitura da música, diz que apenas a gravou num pot-pourri de

cirandas, em 1967, pela Rozenblit: “Eu aprendi a música quando passei um tempo em Itamaracá, com Lia, nos anos 60, afirma Teca Calazans”.

Esta música de Ciranda é de autoria do Mestre Baracho e foi feita para homenagear Lia de Itamaracá, o compositor nunca se preocupou com o lado legal da composição e grande parte de sua obra não foi registrada em seu nome.

Na década de 70, a ciranda teve um forte impulso de divulgação e as rodas de cirandeiros (Lia de Itamaracá, Baracho, Duda do Janga e outros), despertaram o interesse dos produtores musicais, então a Rozenblit produziu dois LPs de ciranda.

José Rozenblit e seus irmãos criaram em 1954, no Recife uma das mais importantes indústrias fonográficas do Brasil. Até aquele ano, o frevo pernambucano era gravado por representação da RCA-Victor no Recife. A partir de então e até 1966, a Fábrica de Discos Rozenblit iria cuidar da produção local, da produção regional e até de alguma produção do eixo

Rio - São Paulo. A Rozenblit abriu filial no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre e tinha um estúdio que comportava uma orquestra sinfônica.

Entre 1959 a 1966, chegou a ter 22% do mercado nacional e 50% do regional, mas fechou em 1966, não suportando os interesses das multinacionais.

Um dos LPs gravados pela Rozenblit que fez muito sucesso na época foi “Vamos Cirandar” com a ciranda Roberto Carlos, de José de Lima e Silva.

“Roberto Carlos é o Rei do iê-iê-iê.  
 Jamelão cantando samba  
 Faz o morro estremecer  
 Baracho na ciranda é de primeira  
 No baião Luiz Gonzaga  
 No frevo Nelson Ferreira”

E já em 1961, a ciranda do mestre Baracho se exibia em festa popular para os recifenses, que até então a desconheciam.

Nestes versos o autor faz uma relação de diversos ritmos da música popular brasileira e os representantes de cada gênero musical.

A ciranda não é só uma dança de roda, mas também uma forma de cantoria. Um bom mestre tem que ser um poeta criativo e ter um repertório em constante reelaboração e atualizado.

O tema de sua poesia é bastante variado como futebol, política, natureza, temas amorosos e o cotidiano.

#### **1.4 Ciranda: dança e música popular**

Pensava-se que a dança da ciranda, no Brasil, estava confinada unicamente ao mundo infantil. Mário de Andrade o asseverou em memória, para o Congresso Internacional de Arte Popular, de Praga, ao escrever que no Brasil “a ciranda é roda exclusivamente infantil”.

Entretanto, estudo editado em Recife, no ano de 1960, veio revelar uma ciranda tocada, cantada e bailada por adultos de ambos os sexos, numa vasta área de Pernambuco.

E já em 1961, a ciranda do mestre Baracho se exibia em festas populares para os recifenses e várias cidades do interior do estado que até então a desconheciam. Ao lado das cirandinhas infantis cantadas e dançadas em todo o Brasil, existe no Nordeste pernambucano a autêntica ciranda. Que sobrevive com características diferentes, a começar pela participação dos cirandeiros, seu repertório é bastante variado



e a presença obrigatória de um instrumental onde não pode faltar o bombo ou zabumba, instrumental que sustenta o canto da roda ondulante dos cirandeiros.

Diversos compositores de música pernambucana utilizam o ritmo da ciranda em seus trabalhos como, por exemplo, Lenine, Chico Science e Quinteto Violado entre outros.

### **1.5 Ciranda: representando a Ilha de Itamaracá**

A ciranda tem presença marcante na Ilha de Itamaracá, sendo divulgada por Lia de Itamaracá no Brasil e no exterior.

“Lua cheia, dize-se ó lua  
Que o mistério pelos ares anda.  
É o passado que desperta  
Nas asas de uma ciranda”

Estes versos fazem parte da Letra do Hino da Ilha de Itamaracá (Fernando Pio).

A dança da ciranda, seu balanço, seu ritmo contagiante, seus versos, consegue atrair muita gente para Ilha de Itamaracá com o objetivo de conhecer suas belezas naturais e dançar ciranda, sendo, portanto um atrativo turístico para cidade.

A Ilha de Itamaracá é a principal fonte de inspiração de Lia, nas suas cirandas a referência a esse local sempre está presente exaltando suas belezas e dessa forma divulgando o local onde nasceu e vive até hoje.

## 2. LIA, MULHER GUERREIRA

... Eu sou Lia de Itamaracá  
Morena da beira do mar  
Queimada do sal e do sol  
Da Ilha de Itamaracá...

Em 12 de janeiro de 1944, nascia na Ilha de Itamaracá, Maria Madalena Correia do Nascimento, conhecida como Lia de Itamaracá. A mais famosa cirandeira do nordeste brasileiro, que possui uma voz grave fantástica, alegria e carisma que impressiona a todos.

Uma mulher simples, trabalhadora, guerreira, bonita e enorme com um metro e oitenta, muita determinação, luta e perseverança em busca de seus ideais, nunca deixou a ilha onde nasceu.

Mora no bairro de Jaguaribe e trabalha como merendeira na Escola Estadual de Jaguaribe, função que exerce paralelamente à carreira artística.

“Sou merendeira. Cozinho e vou ensinando os meninos a cantar e dançar”.

Além de ciranda, Lia canta e compõe cocos de roda e maracatus. Dona de uma voz abençoada que encanta a todos, sua disposição física e animação ao cantar ciranda e cocos são impressionantes.

Em Itamaracá se apresenta no Espaço Cultural Estrela de Lia, localizado na praia de Jaguaribe. Seu trabalho junto à comunidade é muito importante sempre levando a música e a dança de sua terra, procurando valorizar suas raízes culturais e as belezas da ilha onde nasceu e se fez respeitar como mulher e reconhecida como artista.

Aonde chega ela diz “Eu sou Lia de Itamaracá”, demonstrando o amor e orgulho que tem de sua terra, de sua gente, de sua cultura, de sua vida simples, de muita

luta e dificuldades para se fazer respeitar e conquistar seu espaço levando o canto, alegria e sua arte para o mundo.

A trajetória de vida dessa deusa negra, não é só feita de glória e luzes, mas de muitas dificuldades para sobreviver. Quando gravou o LP, “A rainha da ciranda” pela Rozenblit em 1977, lembra que não recebeu nada, mas serviu para registrar e divulgar seu trabalho. Ela nunca desistiu diante dos obstáculos e seu objetivo sempre foi alcançar o reconhecimento do público e da crítica.

Por onde tem viajado vai somando elogios e tem muito orgulho de todas as viagens que empreendeu.

“A metade do mundo, já fiz tudo. Rio, Santa Catarina, Manaus, Fernando de Noronha, Espírito Santo, Belo Horizonte. Se Deus me levar hoje ou amanhã, eu já vi o mundo, já sei o que é que se passa no meio do mundo”.

Lia de Itamaracá é uma grande mulher, um exemplo de vida.

## **2.1 Lia de Itamaracá – cirandeira**

“Quem conhece a Ilha de Itamaracá  
Nas noites de lua, prateando o mar.  
Eu me chamo Lia e vivo por lá  
Cirandando a vida na beira do mar”.

Lia começou a participar das rodas e cantar ciranda aos 12 anos de idade e aos 17 assumiu a responsabilidade de cantar em qualquer lugar, nas praças, ruas e terreiros. Seu talento para dançar e cantar lhe consagrou como a mais importante cirandeira de Pernambuco.

Gravou seu primeiro disco em 1977, o LP “A Rainha da Ciranda” pela Rozenblit, depois de 21 anos dedicados a cantar e compor cirandas e cocos de roda.

O segundo disco saiu em 2000, o CD “Eu sou Lia”, lançado pela Ciranda Records e re-editado pela Rob Digital. Tem viajado constantemente pelo Brasil e pela Europa divulgando seu trabalho e não é difícil vê-la nas rodas de ciranda do Recife e Olinda.

Em 1998, foi convidada para participar do festival recifense Abril pro Rock, onde foi aplaudida por doze mil pessoas, oportunidade em que se tornou conhecida nacionalmente.

“Me meti no meio dos roqueiros, roqueiro vai, roqueiro vem, foi muito bom”.

Daí em diante, com a agenda de shows de lançamento do primeiro Cd, passou a fazer turnês pelo Brasil e exterior. Antes desse evento era famosa em sua terra, entre compositores e estudiosos da arte popular nordestina.

Este longo intervalo de tempo entre um disco e outro mostra o descaso com a cultura popular em nosso estado. No período que Lia de Itamaracá gravou o primeiro disco “A Rainha da Ciranda”, podemos dizer que estava na moda cantar e dançar ciranda e em todos os festejos sempre tinha uma roda de ciranda para se brincar.

Passada esta fase ela volta a viver seu cotidiano de dificuldades, trabalhando como merendeira escolar, fazendo doces para vender e cozinhando em restaurantes da Ilha de Itamaracá para sobreviver e continuar com sua arte.

Todo pernambucano tem paixão por sua terra, uns pela música, outros pelas artes plásticas, dança, pelas praias ou pelo sertão, mas todos por Pernambuco. Nosso talento criativo, capacidade de organização e adaptação às novas situações é enorme e isso pode transformar-se em um diferencial competitivo e importante se for devidamente aproveitado.

Mas também temos uma característica que é resquícios do coronelismo, de uma sociedade escravocrata, dos engenhos com sua casa grande, dos mocambos, que puxam Pernambuco para trás, em termos sociais políticos e econômicos.

Não devemos observar a Cultura como simples deleite, mas como manifestação de identidades que precisam existir para dar continuidade a vida de indivíduos ou grupos que cantam, dançam, pintam, escrevem e precisam de apoio para desenvolver seus trabalhos e ter uma vida digna.

A Cultura é o resultado da construção histórica da humanidade, suas origens e raízes, baseado em sua capacidade de expressão por mais simples que pareça.

Com a participação no Abril Pro Rock em 1998, começou uma nova etapa na vida de Lia de Itamaracá que começou a ser valorizada e respeitada pelo seu trabalho de divulgar a Ciranda e a Ilha de Itamaracá.

Grandes nomes da Música Brasileira já cantaram Lia em versos próprios, da cirandeira ou de outros. –” Essa ciranda quem me deu foi Lia”, é a mais antiga que canto e foi gravada por Teca Calazans-, relembra Lia , a história da cantiga de que mais se fala quando o assunto é ela e o ritmo pernambucano.

Habituada, há 50 anos, ao convívio com outros mestres da ciranda, Lia faz questão de lembrar “Baracho era um grande amigo meu”.

Nosso talento criativo, capacidade de organização e adaptação às novas situações é enorme e isso pode transformar-se em um diferencial competitivo e importante se for devidamente aproveitado.

Não devemos observar a Cultura como simples deleite, mas como manifestação de identidades que precisam existir para dar continuidade a vida de

indivíduos ou grupos que cantam, dançam, pintam, escrevem e precisam de apoio para desenvolver seus trabalhos e ter uma vida digna.

A Cultura é o resultado da construção histórica da humanidade, suas origens e raízes, baseado em sua capacidade de expressão por mais simples que pareça.

### 3 ANTONIO BARACHO – POETA E MESTRE CIRANDEIRO

Antonio Baracho da Silva, o Mestre Baracho da Ciranda como era conhecido. Natural de Nazaré da Mata foi talvez o maior compositor e poeta que tivemos, comandou durante muitos anos a Ciranda de Abreu e Lima.

Operário de construção trabalhou também na cana- de –açúcar e durante sua vida exerceu vários ofícios foi acostumado ao trabalho pesado. Baracho deixava toda a sua poesia jorrar, com voz forte e segura, encantando a todos que participavam da brincadeira ou mesmo a assistiam.

Também foi compositor de sambas de maracatu e cocos de roda. Não fossem os descaminhos dos direitos autorais no Brasil, Baracho teria deixado uma renda significativa para os cinco filhos.

Compositor de dezenas de clássicos do repertório da ciranda, ele nunca se preocupou com o lado legal da composição e suas cirandas foram gravadas, ou adaptadas, por vários artistas: Martinho da Vila, Quinteto Violado, Edu Lobo, Maria Betânia, muitos achando que eram de domínio público, pois grande parte das composições de Baracho não foi registrada em seu nome, ele sabia escrever, mas não colocava as músicas no papel, decorava e cantava nas rodas de ciranda.

O refrão “Cirandeiro, Cirandeiro ó, a pedra do teu anel, brilha mais do que o sol”, atribuído a Baracho, foi empregado por Capinam na letra de Cirandeiro (parceria com Edu Lobo), e por Martinho da Vila no samba enredo Onde o Brasil aprendeu a liberdade. Ambos não citam o compositor na autoria.

Baracho era um homem alegre, que fazia cirandas na hora. Assim como improvisava loas de maracatu brinquedo do qual também foi mestre.

Queixava-se de que costumava ouvir suas músicas no rádio, nas lojas de discos, mas quase nunca lhe pagavam por elas, às vezes nem sabia que sua composição havia sido gravada.

O único disco que ele gravou foi pela Rozemblit, e no álbum A MÚSICA POPULAR DO NORDESTE, do selo Marcus Pereira, que serviu mais para popularizar sua música do que para reforço financeiro.

No final da vida ele sobreviveu com a aposentadoria do idoso, e morreu aos 81 anos de idade numa situação de pobreza que seu enterro foi pago pelo prefeito da cidade de Nazaré da Mata onde foi sepultado.

Baracho é um exemplo marcante das dificuldades que passam os artistas populares para levar sua arte adiante, muitas vezes saem de porta em porta pedindo dinheiro para realizar a brincadeira.

A diversidade cultural em Pernambuco é um fato, mas para que essa diversidade humana seja cultivada é necessário oferecer condições materiais aos portadores da cultura tradicional, a esses tesouros humanos.

É muito importante que seja criado um sistema de permanente identificação de pessoas (artistas, artesãos etc.) que encarnam as habilidades e técnicas necessárias para a manifestação de certos aspectos da vida cultural de um povo e a manutenção de seu patrimônio cultural material.

Infelizmente Baracho morreu antes da criação da Lei do Patrimônio Vivo, que foi criada para preservar as manifestações culturais permitindo que os artistas repassem seus conhecimentos às novas gerações de aprendizes como também recebam



uma bolsa vitalícia como prova do reconhecimento aos artistas ainda em vida. Porém ficou conhecido como cirandeiro da cidade de Abreu e Lima, onde fixou residência. É dele a ciranda.

“Morena vem ver  
que noite tão linda  
a lua vem surgindo  
cor de prata.  
Faz-me lembrar  
da minha Maria  
quando pra ela  
eu fazia serenata”.

Na ciranda, três aspectos tinham em comum Lia e Baracho, boa voz, presença marcante na hora puxar a roda e saber tratar dos temas que são diversificados, cantando o amor, a natureza, a beleza das pessoas, os sonhos e a realidade.

Entretanto, Lia tem apenas cerca de 15 cirandas feitas por ela própria, não se dedica muito às composições, ela é bem mais intérprete do que mesmo poeta, como era o mestre Baracho.

Atualmente suas filhas Dulce e Severina se apresentam com a Ciranda das filhas de Baracho, levando as músicas do pai para os diversos eventos onde são convidadas e apesar das dificuldades procuram manter a tradição .

Este ano estamos comemorando o centenário de Baracho, e estão acontecendo várias homenagens ao mestre, teve um evento em Abreu e Lima cidade onde viveu muitos anos.

No Pátio de São Pedro foi criado o Projeto Ciranda, com exibição do documentário da TV Viva “Baracho do Rei da Ciranda”.

Este projeto vai apresentar vários grupos de ciranda entre eles Ciranda Dengosa – Mestre Salustriano, Ciranda de Baracho - Siba Veloso, Lia de Itamaracá, As

filhas de Baracho e outros. O interessante é que o projeto tenha êxito e dê oportunidade aos cirandeiros de mostrar e divulgar sua arte.

#### 4 DONA DUDA : PRIMEIRA CIRANDEIRA DE PERNAMBUCO

A valorização e o resgate da cultura popular e seus mestres é a essência na memória de um povo. Dona Duda um monumento, uma mulher determinada, guerreira que respira arte e cultura por todos os poros merecendo destaque por ser cantora, compositora e a Primeira Cirandeira nos registros da cultura popular do Nordeste.

A ciranda começou a ser popularizada no Nordeste, principalmente na zona da mata e nas praias pernambucanas, onde com o passar do tempo chegou a ofuscar outro ritmo muito festejado o coco. A ciranda é resultante da mistura não apenas do canto e da dança em especial de brincadeira de recreações infantis.

Vitalina Alberta de Souza Paz (Dona Duda da praia do Janga), morena dos olhos da cor do mar, nasceu em 11 de abril de 1923, no Engenho Muçaíba em Jaboatão dos Guararapes e aos doze anos de idade compôs a primeira ciranda. Com seu carisma, alegria contagiante e talento nato, desde o começo dividiu sua arte com a família, os amigos e o povo que a consagrou.

Filha de agricultores teve dez irmãos e o despertar para a ciranda veio da influência do tio Manoel, irmão de seu pai que era conquista, repentista e contador de causos. Do tio Manoel herdou o talento e versatilidade para a arte.

“Eu cheguei na praia  
Avistei a areia  
A maré ta cheia,  
Eu não vou passar.  
Venha canoeiro  
Venha me buscar  
Que a maré ta cheia  
E pode me matar”.

Com o fim do primeiro casamento, em plena juventude aos 19 anos, acompanhada da irmã Anésia, Dona Duda resolveu procurar uma casa para alugar na praia do Janga.

Depois de acertado o preço do aluguel, organiza com sua irmã a mudança, que foi feita no lombo de cavalos foi uma jornada bastante incômoda, mas na época era o meio de transporte mais fácil e barato.

A paixão pela praia do Janga se iniciou quando ainda era criança morando próximo a um engenho em Jabotão dos Guararapes “morando no mato” como ela diz, e ouvia as histórias que o tio Manoel contava falando dos coqueiros, dos pescadores, das ondas e das águas cristalinas da praia do Janga.

A narrativa do tio trouxe até ela o mar que não conhecia e inspiração para compor sua primeira ciranda.

O Janga praia aonde veio residir em 1942 e a partir daí construir sua vida e desenvolver sua arte, passando a praia do Janga a ser fonte de inspiração para suas composições.

Líder entre os cirandeiros gerados a partir de sua musicalidade e seu canto abordando temas do cotidiano popular, da natureza e do amor.

Quando começou as noitadas com roda de ciranda cantava o refrão e pedia que repetissem e começava a ensinar a coreografia imitando as ondas do mar, batendo na areia com um vai e vem constante.

No início dos anos 50, a praia do Janga era uma comunidade de pescadores e as famílias se divertiam dançando coco de roda, mas as crianças ficavam soltas pela praia foi aí que Dona Duda resolveu convidar todos para participarem da roda de ciranda onde adultos e crianças podiam brincar juntos.

Foi criado refrão e no princípio dona Duda não utilizava percussão, mas depois pediu a um conhecido que confeccionasse alguns instrumentos, zabumba com pelo de couro de boi, tarol feito com lata e pelo de bode e o ganzá de lata com milho dentro para ter um som mais primitivo. Assim nasceu a ciranda de Dona Duda, em princípio contando apenas com a presença das crianças que aos poucos foram trazendo seus pais para participarem.

O primeiro bar inaugurado na praia do Janga foi o BAR COBIÇADO de propriedade do casal Duda e Amaro. Por essa época, diversos artistas que até então apenas cantavam **coco e maracatu**, foram por ela chamados para participar da ciranda.

Todos acabaram gostando e se integrando a esse novo bailado, de dança e música, entre eles Zé de Lima, Zé Custódio, Baracho, Zé Grande e Zé Limeira, entre outros.

O sucesso da ciranda ultrapassa as fronteiras pernambucanas e personalidades de vários segmentos da sociedade, principalmente do cenário musical não apenas do Brasil, mas também do estrangeiro, chegam para conhecer a ciranda de Dona Duda.

O desenvolvimento urbanístico e comercial da praia do Janga, em grande parte se deve a atração turística em nível nacional, desenvolvida pela repercussão alcançada nos anos sessenta e setenta pela ciranda de Dona Duda, que favoreceu o surgimento de várias lojinhas e bares nas imediações do espetáculo popular.

Sua ciranda nos anos sessenta chamava-se COBIÇADA e o motivo dessa denominação vem do fato de que suas funções eram realizadas em frente ao bar do mesmo nome, de sua propriedade.

Com o decorrer do tempo e o sucesso que foi alcançando o povo começou a chamar de ciranda de Dona Duda e assim foi mudado o nome da ciranda pelo apelo popular.

Seu maior sonho é a construção de um espaço cultural à beira do mar integrado a uma escola para formação musical de crianças e assim levar as raízes das culturas populares nordestinas para os mais jovens.

“ Criei muitas cirandas como faço até hoje, e apesar do pouco estudo canto e escrevo letras, mas nunca me preocupei com essas histórias de ser estrela”.

“Praia do Janga, só tem caju e coqueiros.  
Em cada sítio daquele tem um dono  
Embora pague o imposto todo ano  
Naquela praia, vida boa é dos praieiros.  
Na maré morta cada um faz seu viveiro  
Que é pra pegar o peixe na emboscada  
Quer ver bonito no tempo da trovoada  
A maré bate na praia fazendo oiteiro” .

“Vivo há muitos anos na praia do Janga, foi amor à primeira vista que não acaba nunca. Continuo tomando banho de mar, me banhando nos braços do meu amor.

Quero afirmar que falam por aí muitas coisas sobre Ciranda, que ela surgiu ali e acolá, mas ninguém prova”.

“Sempre vivi de ciranda todos esses anos e nunca conheci ciranda antes da minha. Nem em Olinda, nem em Abreu e Lima, nem em Itapissuma, nem em Nazaré da Mata, nem em Recife, tão pouco em Itamaracá.

Mais de trinta anos as prefeituras me convidando para ensinar ciranda em suas cidades e formar seus mestres. No início dos anos setenta, já era chamada de madrinha de diversas cirandas que estavam surgindo em festivais”.

Dona Duda merece todo nosso respeito e admiração pela perseverança, dedicação e amor à arte de compor, cantar e dançar ciranda. Ela é sem dúvida um patrimônio que jamais usou seu nome em benefício próprio.

A cantora, compositora e pesquisadora cultural Cyrene Araújo, criou um projeto através do qual escreveu um livro sobre a vida e importância de Dona Duda para a cultura popular pernambucana, e assim realizou o sonho desta artista que só conseguiu gravar seu primeiro CD aos oitenta e um anos de idade.

Com este projeto a pesquisadora conseguiu fazer um registro importante do trabalho desta artista que marcou sua presença no cenário cultural pernambucano com sabedoria e criatividade.

## 5 PATRIMÔNIO VIVO DE PERNAMBUCO

O governo do Estado criou a Lei do Registro do Patrimônio Vivo (Lei Estadual nº. 12.196, Lei Raul Henry), de dois de maio de 2002.

Esta lei veio com o objetivo de preservar aspectos da cultura tradicional ou popular pernambucana e permitir que os artistas repassem seus conhecimentos às novas gerações de aprendizes. É um registro das pessoas que se destacaram através do seu talento, para que permaneçam na memória dos pernambucanos e dos brasileiros.

A escolha final foi estabelecida pelo Conselho Estadual de Cultura, teve o reconhecimento da comunidade artística e do governo do estado.

E os 12 mestres selecionados foram apresentados às novas gerações com o intuito de preservar a cultura popular pernambucana bem como as artes que os consagraram defensores da riqueza e diversidade cultural.

Foi muito importante a iniciativa do governo Jarbas Vasconcelos, reconhecer os valores desses artistas e grupos ainda em vida e oferecer condições materiais (bolsas de 750 reais mensais para artista e de 1.500 reais mensais para os grupos culturais) visando a transmissão desses saberes às novas gerações.

Cultura Viva, os mestres eleitos pelo Conselho Estadual de Cultura tinham de cumprir a exigência de que, há mais de vinte anos, participam de atividades culturais e residem em Pernambuco.



Lia foi indicada pela Assembléia Legislativa de Pernambuco e eleita como Patrimônio Vivo de Pernambuco pelo seu talento, trabalho e divulgação da cultura pernambucana no Brasil e no Exterior.

Lia diz que jamais se arrependeu de não ter saído da Ilha de Itamaracá, e muito menos de ter sempre insistido em cantar a ciranda, que sai das entranhas em voz grave e tom profético.

## 6 CONCLUSÃO

A trajetória de vida e trabalho do artista popular é consagrada pelas dificuldades e falta de reconhecimento, mas o importante é continuar criando e levando a brincadeira adiante, passando para as novas gerações seu ensinamento e dessa forma permanecer fazendo o que gosta.

A ciranda pernambucana passa por dificuldades e Lia é uma das poucas a manter-se firme conduzindo o Espaço Cultural Estrela de Lia, que vive seus piores momentos, correndo o risco de desaparecer mesmo sendo considerado pelo MINC, como um ponto cultural.

O motivo é que ainda não foi firmado convênio com o governo federal e não há nenhuma outra forma de patrocínio.

Lia viaja para o exterior e faz show em outros estados e no interior de Pernambuco, mas a inexistência de um apoio privado ou governamental de peso torna a sorte do Estrela de Lia incerto.

Em situação muito pior estão as demais rodas de ciranda, cujo destino também se perde na ausência de incentivos e espaço na mídia.

É fundamental que haja projetos de incentivo a divulgação da cultura popular de forma permanente onde esses artistas tenham oportunidade de mostrar seu trabalho nos eventos que acontecem principalmente em nosso estado.

Na maioria das vezes esses artistas vivem no anonimato e morrem sem ter a oportunidade de deixar registro de seus trabalhos e reconhecimento de sua brincadeira como arte.

É de grande responsabilidade a tarefa que cabe a todos nós de defender a cultura e fazê-la participar adequadamente do processo de desenvolvimento e inclusão social. Através da possibilidade econômica gerada pelos bens culturais na geração de empregos e serviços pela comercialização de seus produtos, peças de teatro, livros, filmes, música, folclore, artesanato, shows etc.

Nossa cultura está enraizada na alma de um povo que tem um passado histórico, somos uma fonte perene de criatividade, mas tem de aprimorar-se enquanto população.

Na área federal, estadual ou municipal o governo tem a sua responsabilidade maior e específica, mas a tarefa de priorizar e defender a cultura de Pernambuco é dever de todos seja individualmente ou através de entidades.

## 7 BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Cylene. **Dona Duda primeira cirandeira de Pernambuco.**

ARANTES, ANTONIO Augusto. **O que é cultura popular** . São Paulo: Editora Ática, 1992.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **Folgedos e danças de Pernambuco.** Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1989.

BURKE, Peter. “Em Busca do Popular”: **Cultura popular na idade moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério de Educação e Cultura, 1962.

CAVALCANTI, Josete. **Ilha de Itamaracá histórias e lendas,** Recife; Ed. Do Autor, 2006.

Encarte do Jornal do Comércio Pernambuco Imortal III – Música o Som das Festas Tradicionais e Tocando a Música Popular.

RABELLO, Evandro. **Ciranda: dança de roda, dança da moda.** Recife: Ed. Universitária, 1979.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & identidade nacional.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.